

DE MIM E DO QUE A MIM
VEM: APONTAMENTOS SOBRE
A *ANTOLOGIA TRANS*

*FROM ME AND WHAT TO ME
COME: REFERENCES ON
TRANS ANTHOLOGY*

Edson Salviano Nery Pereira¹
(USP/CAPES)

Escrevo este texto – misto de apresentação, resenha e reflexão teórica – com o pensamento em Matheusa. Pessoa não-binária, artista, performer, Matheusa Passareli era alune do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ. Conhece no âmbito da universidade, e também no universo virtual, por suas performances, Matheusa foi brutalmente assassinada em maio deste ano, após participar de uma festa no bairro Encantado, próximo à favela Morro do 18, na zona norte do Rio de Janeiro.

¹Doutorando no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, departamento de letras clássicas e vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Bolsista CAPES. Contato: salvinery@usp.br

Matheusa teve sua vida e sua arte apagadas de diversas maneiras. A primeira delas dada pela sua morte. Após um julgamento informal, realizado por traficantes da favela em que desapareceu, segundo consta em reportagens e depoimentos de pessoas próximas à performer, Matheusa foi assassinada e seu corpo queimado, a fim de desaparecer com as evidências do crime.

O segundo apagamento, e aqui não me parece um fato isolado, sobretudo na vida em questão, dá-se com a nota emitida pela reitoria da UERJ. No mesmo texto em que defendem “Não podemos aceitar a violência, a degradação das pessoas e de seus direitos” (UERJ, 2011), e lembram que Matheusa fez da Universidade um “espaço para a realização do sonho profissional e de afirmação dos talentos das mais diferentes personalidades e perspectivas”, a identidade de Matheusa, que preferia ser nominada assim, com o feminino de seu nome de registro, é solapsada. Matheus Passareli é como a estudante é nominada pela nota, apagando todo processo de (re)construção pessoal de Matheusa.

Da mesma forma, o modo como a morte de Matheusa é tratada na nota torna-se mais um apagamento, agora de suas lutas. Ao atribuído o crime exclusivamente à “realidade de violência e desigualdade que se alimenta das distorções socioeconômicas do país” (UERJ, 2011), distanciam-no de qualquer relação com as questões de LGBTQ fobia, luta pela qual Matheusa se mostrava engajada.

De Matheusa, sua arte e seu corpo, materilização de seu ser e sua essência artística, muito pouco restou. Na memória daqueles que a conheciam ou, no meu caso, que tomaram conhecimento de sua arte por ocasião apenas de seu assassinato, um nó se forma na garganta e nas mãos. Considero, no entanto, para a escrita deste texto a publicação virtual de um amigo de Matheusa, que, ao homenageá-la, escreve:

Quando uma morte mexe com a gente é preciso manter a calma, respirar, refletir e tentar fazer disso algo que possa tocar outras pessoas, tão profundo quanto nos foi tocado. A tristeza tem seu lugar na criação, ela



nos faz transgredir em um mundo particular capaz de transformar, e hoje é um dia propício a isso, afinal, hoje brilha mais uma estrela no céu, e não podemos nos calar! (GONTS, 2011).

É motivado por este cenário de violência e silenciamento a que tant@s indivíduos, sejam eles não-binários, como Matheusa se afirmava, ou trans, como fora rotulada em algumas notícias, são submetidos todos os dias em nosso país que faço a escolha do meu objeto de análise para este texto. Há que se registrar, no entanto, que minha pretensão aqui, enquanto indivíduo gay cisgênero, não é traçar linhas ou propor interpretações para um mundo com o qual me relaciono, mas que não estou imerso. É, antes de mais nada, trazer visibilidade a um material literário que, muitas vezes, é posto de lado das discussões acadêmicas sobre produção literária, mas que deve ser olhado com atenção.

Tratarei aqui da *Antologia Trans*, coletânea de textos, em prosa e poesia, organizada a partir de uma iniciativa gestada no Cursinho Popular Transformação. Além do cursinho, que oferece aulas gratuitas à comunidade trans da cidade de São Paulo, também fomentam a elaboração desta antologia as oficinas de poesia e o TRANSarau, ambas ações realizadas por intermédio do Programa Vai, da prefeitura municipal.

Lançada em 2017, a *Antologia Trans* é composta por textos de 30 poetas trans, travestis e não-binários. Com orelha e prefácio de Linn da Quebrada e Amara Moira, respectivamente, além de ilustrações de Augusto Silva e Lune Carvalho, a coletânea se caracteriza, sobretudo, por sua capacidade de mostrar a voz de indivíduos trans e seus corpos. Sendo assim, encontramos nestes textos, em sua maioria poemas, mas também narrativas em prosa – estes regados à uma poeticidade urbana que os aproxima das poesias –, a realidade destes indivíduos.

Dividida em duas sessões – “Aquilo que veio de nós: textos criados em oficinas” e “Aquilo que a nós veio: textos recebidos” –

não se trata de uma antologia da tristeza, muito menos um arauto da alegria desenfreada e, por vezes, alegórica. É, antes de mais nada, uma coletânea sobre a capacidade de intervir e de viver em mundo que anda descompassado quando o assunto são as liberdades individuais. Encontramos, assim, de maneira entrelaçada, reflexões sobre o processo de transição, a busca por espaço e representatividade social, denúncias políticas, conquistas e embaraços amorosos. É, ainda, uma coletânea que procura algo, um lugar, um alguém, a resolução de um problema, por meio do embate.

Como sonhar e, ao mesmo tempo, intervir? A poesia representou, para nós, a interface entre estas duas possibilidades de ação política. Ela é o discurso que emerge das doloridas vivências T em uma sociedade cisgênera, mas que se ergue em resistência, em potência. Consolida o domínio sobre a palavra e sobre si. O poder não é algo que se atinge ao final de um caminho, nem é algo fora do nosso alcance. Ele está aqui, emanando de nossas articulações, nossos espaços e nossas palavras (Texto de apresentação da ANTOLOGIA TRANS, 2017)

Leio o excerto acima, e não apenas ele, a coletânea toda, a partir do ensaio de Maria Irene Ramalho, intitulado “Os estudos sobre as mulheres e o saber: onde se conclui que o poético é feminista” (2001). Para a estudiosa portuguesa, residiria no poético “o lugar por excelência da pergunta pelo ser e pela palavra capaz de o dizer. Ou não dizer”. Compreendo, assim, o tom problematizador encontrado na maioria dos textos que compõe a *Antologia Trans*. É por meio do poético que questionamentos particulares são transcritos literariamente. E são estes questionamentos de toda ordem, como já pontuado anteriormente. Buscam dizer, desdizer ou demonstrar a recusa por não-dizer através da escrita.

O estudo de Ramalho afirma ainda que para a leitura de um texto poético ser “preciso, em cada momento, descobrir a intezera das palavras capazes de dizer os sentidos de cada situação (em todos os sentidos da palavra *sentido*)” (RAMALHO, 2001, p.). Valendo-me

da proposição de Ramalho, compreendendo os textos apresentados nessa antologia como a proposição de um *exercício* – e aqui valho-me de um expressão utilizada por outros três olhares portugueses, os das três Marias, autoras de *Novas Cartas Portuguesas* – de observação e resistência ao mundo.

Observo o poemas “O futuro é primitivo”

É um tempo já antigo.
Ontem vi meu filho que não tenho.
Morreu de velho, de joelhos.
Nas estatísticas que a sociedade
mesquinha lhe jogou.
Na sarjeta.
Ouça, saiba, você não é o que é.
E sim o que não é.
Você é um,
nenhum:
cem mil!
Sem nenhum.
Só mais um.
Um a menos quando nasce.
Um a mais quando morre (AUTORIA COLETIVA, 2017, p.18)

O poema apresenta um tom distópico já no seu título: o futuro que se aproxima já não soa mais promissor. Ao contrário, é um futuro motivo a retrocesso, à violência e dor, “um tempo já antigo”. O filho – a novidade, a esperança – morre curvado, mais uma vítima de um sistema que oprime e vilipendia o corpo e a existência destes indivíduos, tornando-os estatística, como demonstra os dois últimos versos do poema.

Mais interessante neste poema, no entanto, é a reflexão sobre o processo de construção de identidade. “Ouça, saiba, você não é o que é./E sim o que não é”. Os versos recuperam, de certo modo, a gênese dos estudos respeito das identidades, principalmente os

desenvolvidos por, e na mesma linha de pensamento, Stuart Hall, a medida em que ambos tratam da elaboração do eu considerando para isto os pontos de divergência, ummais que as aproximações, entre o sujeito e o Outro.

Vive-se a partir de uma lógica que tem o masculino, heterossexual, é preciso pontuar, como determinante universal. Na linguagem, por exemplo, é o masculino genérico para tudo aquilo que não se quer distinguir. Na prática social, também o masculino é compreendido como parâmetro de comparação. Neste sentido, entendemos que não é o feminino inferior pelo que tem de feminino, mas pelo que não tem, ou não pode ter, de masculino. Da mesma forma se processam as identidades gays, lésbicas, trans e não-binárias. Sendo assim, evidencia-se o que há por trás da afirmação feita nos versos anteriores. É necessário para estes indivíduos em processo de transição conviver e construir suas identidades, reiteradamente, a partir daquilo que não são, que negam, das identidades masculinas e heteronormativas.

Surgiria então, deste exercício de elaboração identitária, certa busca por uma compreensão de si que não se pautem nos binarismos vigentes. Dele resultaria a compreensão que o eu-lírico e o sujeito da criação de “Uma exclamação” chega ao final de seu poema, como vemos abaixo

O que resta dizer de mim?
Que se perde, confunde, machuca?
Que palavras conseguem cantar o que sai do coração?
Desse vazio surge apenas uma exclamação

Meu Deus! Eu sou humana! (CALLA, 2017, p.32)

Entendo que a demarcação deste sujeito, ao afirmar sua condição humana, não se trata de uma negação das particularidades de sua identidade. É, ao contrário disto, o modo encontrado para



defender o seu direito de questionar, de se inconformar e recuperar aquilo que lhe parece negado no início do poema:

As fotos me contam histórias sobre o passado.
A cegueira me impede de ver o presente.
O tempo dilacera, machuca, apodrece.
Quem deve dizer o que se merece?

Pertinente, nesta mesma esteira de análise, observar outro poema. “Eu existo”, de Luan Bressani, é uma construção poética sobre a existência material destes indivíduos.

Eu existo.
Ossos, tronco.
Tecidos, pele.
Artérias, batimentos.
Alma, vida.
Sentimentos que jorram,
lavando esse corpo.
Água vermelha, ponto, cicatriz.
Enfim se liberta.
Calmaria, conforto.
Um corpo que se encontra em si enfim.
Pelos de grama vindo do vento
numa tarde de outono, renovando as folhas.
Artérias que se regulam depois da ressaca.
Quanto tempo você esperou?
Enfim a alma respira, a vida
se renova e se fortalece.
[...]
Eu sou resistência.
Transcender a alma, elevar a força,
dar resistência ao corpo, um espírito
que não se deixa levar no mar morto
chamado sociedade.
Eu luto!

Eu sobrevivo!
Eu resisto!
Eu existo!
Sou parte de um mundo não mais escondido (LUAN BRESSANI,
2017, p.87-88)

No poema de Bressani, já não é mais uma condição imaterial, a humanidade, que classifica o eu-lírico. É por meio da reconstituição poética dos componentes de seu corpo, realizada nos primeiros versos, que sua existência material é confirmada literariamente. Entendo, ainda, a materialidade deste corpo, que existe em pele, artérias, tronco, ossos, o fator que lhe permite compor um mundo. Percebe-se não se tratar apenas, e tão somente, de um corpo organismo. É, mais que isso, um corpo político, socialmente posicionado, a partir do qual se luta, resiste e, por fim, existe.

Concomitante a este exercício de elaboração de si, realizado de forma mais abrangente, como a recuperação de sua condição humana, ou mais particular, como a consciência de existir por meio de um corpo; outro exercício salta aos olhos na leitura dos textos da antologia. Trata-se do processo de ressignificações, operadas de múltiplas maneiras, do entendimento a respeito de suas condições trans, e a beleza destas, transcrita nos versos de vários poemas. De modo geral, essas ressignificações brotam do processo de acolhida da transgeneridade e de escolha por fazer dele a principal característica, e motivo de orgulho, destes indivíduos.

Ao realizar essas releituras, os poemas retiram a carga preconceituosa que a sociedade heteronormativa impôs ao sufixo trans. Torna-se, deste modo, a transição, possibilidade de reencontro e de (re)elaboração constante das identidades que já não se pretendem fixas, e aqui são pontuadas de forma contundente, como se vê no poema abaixo:



Meu nome

Meu nome é um rio.

Ele fui
muda
ele trans
forma

forma maleável
ela
adaptável
rio de água potável
jogue-se
espere
talvez não seja
viável (LUCIFER EKANT, 2017, p.54)

É possível visualizar no poema acima nossa consideração anterior. O nome, elemento imaterial que identifica um indivíduo, tem sua capacidade de rótulo relativizada. Embora o eu-lírico não deixe de ponderar sobre os perigos da fluidez, “talvez não seja/viável”, ele não a compreende como algo negativo, inóspito. Pelo contrário, é por sua condição de “rio de água potável” que ele “trans/forma”.

Chama atenção também, por sua capacidade de ressignificar alguns discursos a respeito do processo de transição, o poema “Eu não”, de Bernardo Enoch Mota. Aqui, mais uma vez, a materialidade do corpo é retomada. Agora, não apenas para se posicionar no mundo, mas para desmistificar o discurso de ódio sobre o corpo, comumente atribuído de forma genérica à todas pessoas trans, bem como para demonstrar as diversas possibilidades desse corpo em TRANSformação.

Eu não odeio meu corpo.
Eu não nasci no corpo errado.

Não me venha falar que ele é inadequado.
Se eu mudo é para melhorar o que sinto
que possa ser melhorado.
Se eu mudo é porque mudança faz parte da vida
e eu não quero me sentir parado.
Cada forma.
Cada traço.
São todos pedaços
de quem eu sou.
Comecei como um rabisco.
Agora estou transcendendo o padrão fabricado.
[...]
Eu sou eterno rascunho da vida.
Nunca vou ser terminado.
Apaga.
Refaz.
Tira.
Acrescenta.
[...]
Na eterna busca do buscar por toda eternidade.
Rabisco.
Rascunho.
Desenho.
Obra prima,
Transbordando
Transcendendo
Transgredindo
Apenas sendo mais eu
Mais meu a cada dia (p.74-75)

Observo que, de maneira parecida a do poema anterior, a utilização de palavras iniciadas com o prefixo TRANS no poema de Bernardo Mota buscar dar ciência, ainda que de maneira implícita – e aqui vale a lição de Ramalho sobre procurarmos os diversos sentidos –, da potência da transição. Não se trata de recusar aquilo que lhe foi dado, mas, sim, de superá-lo, considerando a transição não apenas uma condição temporária, mas uma forma humana de

estar no mundo. A transição é vista como a oportunidade de ter outras vivências, de se apoderar daquilo que melhor lhe expressão, o corpo.

É a partir dele, ou melhor, da sua capacidade de performatividade do corpo material, que alguns dos poetas se posicionam como não-binários. Interessa para estes a potência da fluidez, do indeterminado. Afirmam-se como constructos maleáveis, donos de suas próprias elaborações identitárias. Não parece, ao menos literariamente, interessados em se conjugar a uma ou outra performatividade de gênero, como se observa nos poemas abaixo.

OLHEM PARA MIM

Olhem para mim e vejam
Que no meu masculino
Meu feminino é lindo

[...]

Experimento,
já que no fluido que sou
tudo está em movimento.

[...]

Por que tenho que ser Marina?
Ou me conformar em ser Roberto?
Mas se tudo no ser é incerto,
eu só não posso ser liberto?

[...] (LUQ SOUTO FERREIRA, 2017, p.89-91)

CONSTRUÇÃO

Não, eu não sou um homem de verdade.
Definitivamente não sou, nunca serei.

Vou te falar o que eu sei sobre homem de verdade

É a forma viva da sapiência e erudição que urina fora do vaso,
senta de perna muito aberta no busão,
te agride se sente que está perdendo o altar em que se fez macho,
escarra forte no chão.

[...]

Não, homem de verdade eu não sou, não.
Eu saí de outra fornada.
Eu nasci e fui criado
na feminilidade,
me ensinaram que a minha genitália foi criada
para se invadir.

[...]

Eu tô vivendo a consequência da minha invasão
desde 1999.
Hoje eu tenho 23 anos
Cês tão fazendo a conta?
Porque homem que é homem de verdade, não faz.
Nem da idade, nem do consentimento.
Palavra que vários deles não conhecem,
tipo clitóris, orgasmo, fazer gozar
e pode parar,
para agora mesmo

[...]

Eu to falando de masculinidade.
Vamos combinar que é um problema maior que
a vulnerabilidade da buceta.
Até porque eu conheço homens de buceta que
a cada dia que passa
estão se esforçando pra ser homens de verdade
jogando no vento a carta da criação,
justificando incansavelmente a reprodução
daquilo que os fez sofrer tanto quanto eu.



Pronto, falei.
Saiu direto das minhas tetas indesejadas,
da minha ausência de pelo e falo,
da minha voz aguda,
da baixa estatura,
da inconfundível distribuição muscular,
dos meus quadris largos,
da minha raxa.

[...] (TEODORO ALBUQUERQUE, 2017, p.109-111).

Embora pareçam distoantes quanto ao aspecto que opto por discutir, percebo que os textos partem do corpo, como materiliidade de sua subjetividade, possibilidade de performance de seus gêneros. Para o primeiro interessa afirmar sua fluidez, negando tanto a masculinidade quanto a feminilidade, ao evocar seu aspecto humano, representado pela capacidade de movimento inerente ao indivíduo. O traço que o identifica é, como afirma o eu-lírico, a incerteza. Torna-se, por fim, a capacidade de não se rotular, de se indeterminar, também a capacidade de se libertar, ou melhor, como apresenta nos versos que seguem, a possibilidade de “eu não sucumbir” (LUQ SOUTO FERREIRA, 2017, p.90)

Por sua vez, o segundo texto, ainda que não apresente uma vinculação explícita com a fluidez, não se interessa pela fixidez, da mesma maneira. O exercício poético de Teodoro Albuquerque denuncia os perigos dos purismos, ao falar sobre estupro, sobre as representações sociais da masculinidade, mas também, em outros versos, ao se posicionar contra o feminismo radical. O eu-lírico afirma que mesmo se tratando de um homem trans não lhe interessa ser considerado como um “homem de verdade”, pois sofreu violência de um destes. Como se vê nos versos finais da transcrição, a enunciação sé acontece, ou acontece apesar de, seu corpo ainda com traços femininos. Este fato, aliado ao verso final do poema, “Quem tá apontando é cada mina cis, trans e travesti,/

cada transviado, cada bicha,/ cada uma das pessoas afeminadas que vocês querem destruir” (TEODORO ALBUQUERQUE, 2017, p.111), me permite considerar que interessa a este eu-lírico, da mesma forma que ao do poema anterior, uma vivência fluída, elaborada por meio da conjunção do masculino e do feminino que lhe constitui.

Da mesma maneira que os lugares sociais, o sexo, enquanto performance binariamente construída – o masculino como ativo e o feminino como passivo – é questionada. O poema “Descoloniza”, de Lucifer Ekant, questiona quem o lê sobre as posturas sexuais e sociais atribuídas aos indivíduos trans.

Quem disse que ser trans me torna passiva?
Que roteiro diz que a feminilidade me torna submissa?
Hierarquia sexo social, que capitaliza até meu jeito de foder.
Indústria do pornô que diz que meu sexo é pra vender.
A única forma permitida de desviar é se for pra gerar lucro,
e me comercializar?

[...]

A sua ideia de ser homem não é suficiente
para todos os corpos com os quais eu vou transar.
E como vou transar?

[...]

Somos transbixa e temos poder.
E você, gay, não é obrigado a “enviadescer”.
Até porque, ninguém quer perder
O PRIVILÉGIO
de parecer
e nem quer ser atacado por outros machos
que não aceitam um corpo de pau feminino.

[...] (LUCIFER EKANT, 2017, p. 93-95).

Percebo que, mais uma vez, a ideia de masculinidade, representada pelo “ser homem”, e tudo que a acompanha – a ideia de passividade do trans, de submissão do feminino, do controle sobre outros corpos e desejos – são problematizadas, utilizando para isto a feminilidade como contraponto. É do corpo em transição, um “corpo de pau feminino” que emana o poder. Ou seja, apresenta-se, mais uma vez, o estado da fluidez como possibilidade de enunciação. Ironicamente, no entanto, O eu-lírico não nega o direito àqueles que não desejam “envidescer”, lembrando “O PRIVILÉGIO” da performatividade masculina para alguns sujeitos. É preciso pontuar, no entanto, que o mesmo privilégio de que fala o poema de Ekant é o que permite a alguns sujeitos que buscam “ser homens de verdade”, do poema de Albuquerque, justificar a “reprodução/ daquilo que os fez sofrer [...]”.

Procurei demonstrar ao longo deste texto o modo como algumas temáticas se apresentam e são trabalhadas na *Antologia Trans*. Ainda que tenha me centrado mais em poemas que discutem a elaboração das identidades, o questionamento dos lugares e discursos sociais, a utilização do corpo, por me parecem pontos acentuados no conjunto dos textos, ponto que outras temáticas mais se apresentam. Neles se discute a procura pelo amor e os riscos do amor, ainda bastante vinculado à uma ideia primária dele, a problematização da monogâmia, o direito ao exercício da sexualidade, dentre outros. Não se afastam, no entanto, do corpo.

A reiterada utilização do corpo, como ferramenta de enunciação poética, nesta antologia, remete-me à Butler e suas considerações sobre o corpo. Para a filósofa, seria o corpo o meio pelo qual o gênero, estilizado, é encenado (BUTLER, 2003). Aqui, o corpo não se quer ligado à uma ou outra performatividade de gênero. Não se relaciona nem mesmo com algum gênero binário. Por este motivo, é também ele, o corpo, elaborado poeticamente de forma fluída, construído a partir da relação do masculino e feminino.

Considero, por fim, que uma das qualidades desta antologia, para além de ser um veículo no qual sujeitos que são comumente postos à margem podem falar sem intermédio de mediadores, é a capacidade de multiplicidade de interpretação dos sentidos do texto e das experiências elaboradas poeticamente aqui. Afinal, é literatura.

Da mesma maneira que os indivíduos em processo de transição, também alguns textos da antologia me parecem ainda em processo de construção/transformação. Não é esta característica, no entanto, demérito aos poemas. Ao contrário, é ela que me lembra, enquanto um pesquisador de literatura em formação, as potências do texto poético. Potência esta de escrita e reescrita, da liberdade do autor de escolher caminhos e, principalmente, a capacidade burlar normas pré-estabelecidas a fim de construir, por si, uma maneira de falar de si.

É por este motivo que escolho o poema “Literatura do corpo”, de Ika Eloah, para encerrar este texto. No poema, ao tratar de uma literatura do corpo, o eu-lírico discorre, implicitamente, sobre a capacidade da montagem, utilizando para isto do seu próprio corpo. Torna-se o corpo e a literatura meios de ressignificação da existência e do sujeito, seja ele o poético ou o social. É, também, por meio deles que o sujeito explicita seus desejos, suas opções e se situa enquanto indivíduo em “um mundo não mais escondido”

Picumã
cílios de garota,
prótese, eu quero prótese,
neca,
Pirelli,
edi,
e unha de garota.
Corpo pajubá,
travestilidade comunica,
travestilidade comunista (IKA ELOAH, 2017, p.49).



Referências

AUTORIA COLETIVA. *Antologia Trans* – 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: trans formação. 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RAMALHO, Maria Irene Ramalho. Os estudos sobre as mulheres e o saber – onde se conclui que o poético é feminista. *Ex-eque*. n. 5, 2001, p. 107-122.